

Cheque, chique ou choque-ensino?

Francisco Teixeira da Mota
Escrever direito

A ideia de o Estado financiar a frequência de escolas privadas através de um cheque-ensino a ser creditado aos alunos tem agitado pontualmente a turbulenta realidade política nacional. A questão tem sido colocada essencialmente através de prismas ideológicos com as qualidades e os defeitos que os mesmos comportam.

Os proponentes daquela modalidade de financiamento da educação sublinham a efectiva liberdade de escolha que a mesma permite, podendo os pais escolher a escola que consideram ser a melhor para os seus filhos. Por outro lado, apontam a consequente melhoria de qualidade das escolas públicas em função da competitividade/concorrência das privadas. É ainda apontada como vantagem do cheque-ensino a redução das desigualdades sociais, permitindo que os de mais fracos recursos económicos possam ver os filhos beneficiar de um ensino de maior qualidade e, provavelmente, no futuro, de uma vida melhor.

Os defensores de que o financiamento do Estado na Educação deve ser essencialmente canalizado para o sector público contrariam a perspectiva messiânica dos proponentes do cheque-ensino com uma visão apocalíptica da mesma realidade.

O excelente artigo de António Correia de Campos, publicado no passado dia 9, com o título "O sorrateiro cheque-ensino", enuncia os problemas que decorreriam deste financiamento: "No longo prazo, seria a destruição da parte mais sólida do modelo social, a da igualdade de oportunidades pela educação pública. A curto prazo, o modelo reduziria o orçamento da escola pública sem a libertar das servidões públicas, nem lhe permitir vender serviços complementares".

O que aconteceria com a generalização do cheque-ensino seria que as escolas privadas ficariam mais exigentes, rejeitando os "maus alunos", fosse qual fosse a razão dessa situação, assim agravando desigualdades sociais, culturais e económicas e as escolas públicas sobrecarregadas com menos orçamento e alunos de menor qualidade.

Um sistema que, segundo Correia de Campos, "criaria novas e mais profundas desigualdades, gastaria mais recursos financeiros, destruiria a coesão social baseada na igualdade de oportunidades". Sintetizando, "quebraria o consenso social que socialistas, sociais-democratas e democratas cristãos laboriosamente construíram e culturalmente exportaram".

E, na verdade, não é, em geral, a direita conservadora tradicional, mas sim a direita radical, normalmente oriunda da extrema-esquerda, que mais defende o cheque-ensino. O ministro da Educação, embora moderado pelas realidades da *troika*, é uma das faces desta revolução na educação sobre a qual tenho as maiores dúvidas. Não quanto à inteligência, criatividade e busca de rigor da mesma, mas quanto ao seu radicalismo. A substituição do objectivo da "sociedade sem classes" pelo objectivo do "mercado sem entraves" perpetua uma visão irrealista da realidade.

Para além dos ex-militantes, saliente-se a defesa do cheque-ensino no excelente *site* do Contraditório Think Tank <http://contraditorio.pt/index.php> onde se afirma que "uma sociedade próspera e justa pode e deve encontrar alternativas ao actual imoral sistema de ensino e ao seu financiamento, nomeadamente quando é a liberdade de escolha das famílias e a qualidade do ensino que estão em causa".

Em sentido absolutamente oposto pronuncia-se Diane Ravitch, uma ex-militante do movimento de reforma da educação no tempo de George Bush e que agora repudia o seu passado. Numa entrevista à *salon.com*, à volta da recente publicação do seu livro *Reign of Error: The Hoax of the Privatization Movement*

and the Danger to America's Public Schools, defende que as escolas em que há maus resultados têm alunos que são vítimas de pobreza e de segregação racial e que, se o Estado não pode intervir na educação dentro da família, pode e deve combater as desigualdades sociais que estão ligadas ao insucesso escolar. E o cheque-ensino não é um meio de o fazer.

Os estudos sobre os resultados das experiências de cheque-ensino em vários países, nomeadamente nos EUA e Suécia, são parciais e algo inconclusivos. Parece claro que o sistema não será nem uma panaceia universal, nem o fim do mundo.

Poderia trazer algumas melhorias pontuais, mas, para não agravar as desigualdades sociais e não ser absolutamente incomportável, sempre se teria de estabelecer um limite máximo do rendimento familiar que permitiria este apoio do Estado, o que não é referido pelos defensores do cheque-ensino

no nosso país, que parecem apontar para a atribuição desse subsídio a todos os alunos, independentemente dos rendimentos familiares.

Ora, como o Estado não tem dinheiro, não parece viável despedir no ensino público para o arranjar e não é provável que vá parar às Finanças um ministro disposto a experimentalismos radicais, esta questão será, durante muito tempo, essencialmente teórica e ideológica.

Advogado. Escreve à sexta-feira
ftmota@netcabo.pt

Pronto, já passou



Miguel Esteves Cardoso
Ainda ontem

Quando se é novo, é bom ler depressa mas torna-se uma chatice quando mais depressa se consegue ler. Na praia vejo pessoas a ler livros durante uns minutos, depois pousam e recomeçam a ler. Parecem acalmados pelas leituras.

Sou um vergonhoso bisbilhoteiro de livros, sobretudo os estrangeiros. Os turistas sentem-se incomodados, mas eu tenho de saber o que estão a ler. Este Verão o autor que mais vi foi Jo Nesbo.

Uma vez tentei ler um bocadinho de um livro dele e não consegui. Parecia um livro para rapazes de 13 anos que não conseguem concentrar-se. Se calhar têm um efeito relaxante, no sentido de incitar os leitores a pousá-los e olhar para a paisagem.

Estou a ler outro norueguês, Karl Ove Knausgard, *My Struggle*, que diz coisas bem vistas mas escreve torrencialmente, deixando tudo lá dentro. A autobiografia tem seis volumes mas lê-se depressa porque está-se sempre a saltar por cima de decímetros quadrados de tédio à procura dos bocados que valem a pena, que são muitos mas muito bem escondidos, como se um sádico nos obrigasse a trabalhar por cada rebeuçado. O próprio autor conta que nunca usa as rodas da mala de viagem porque, para além de ser mais masculino (Knausgard nasceu em 1968), acha que as pessoas devem carregar com o peso do que transportam. É coerente.

Leio empolgado, quase aflito, não querendo que os romances acabem, mas ansioso por continuar. Quanto melhores, maior a excitação. Como se aprende a ler devagar? Agora já é tarde.

BARTOON LUÍS AFONSO

SEMPRE QUE SE FALA DE SWAPS, FALA-SE DA MINISTRA DAS FINANÇAS, SEMPRE QUE SE FALA DA MINISTRA DAS FINANÇAS, FALA-SE DE SWAPS.



ESTOU FARTO! FALEMOS DE OUTRA COISA.

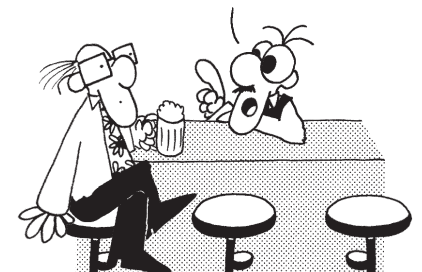


ISSO. FALEMOS DA QUESTÃO DO DÉFICE. ACHA QUE O LIMITE DEVE SER FLEXIBILIZADO?



QUAL A POSIÇÃO DA MINISTRA DAS FINANÇAS SOBRE ESSE ASSUNTO?

A TAL DOS SWAPS?



Luis